

Até quando nos parece que podemos fazer pouco na vida, vale sempre a pena. Há sempre a possibilidade de encontrar um sentido, pois Deus ama a nossa vida!

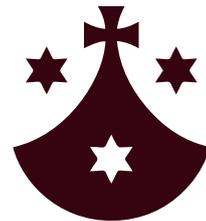
Papa Leão XIV, Audiência geral, 4 de junho de 2025



Boletim de Espiritualidade

1 AGOSTO 2025
Ano XII Nº 134

134



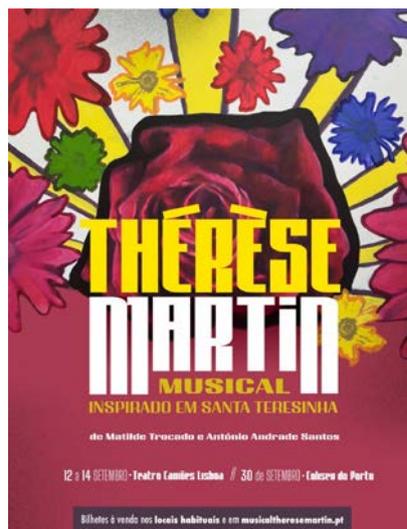
Agenda agosto 2025

- 2 a 9 **Vale lobos** (Verbum Dei) – Retiro de silêncio [🔗](#)
- 4 a 9 **Avessadas** – Férias orantes: *Descanso em tempo de Esperança* [🔗](#)
- 4 a 10 **Ávila** (CITEs) – Retiro sobre quartas moradas de Santa Teresa: “Despertar o amor adormecido” [🔗](#)
- 5 a 13 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 7 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 8 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 11 a 24 **Macedo de Cavaleiros** (Servas) – Experiência vocacional e voluntariado [🔗](#)
- 13 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 **Avessadas** – Jubileu dos Migrantes [🔗](#)
- 14 a 22 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 17 a 23 **Fátima** (Claretiano) – Retiro: *Consagrados na alegria da esperança: atitudes e caminhos* – P. Manuel Barbosa, SCJ [🔗](#)
- 17 a 24 **Taizé** (França) – Semana dedicada à partilha e ao testemunho [🔗](#)
- 19 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 23 a 30 **Vale lobos** (Verbum Dei) – Retiro de silêncio [🔗](#)
- 24 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 24 a 31 **Taizé** (França) – Semana de reflexão para jovens dos 18 aos 35 anos [🔗](#)
- 24 a 28 **Fátima** (Capuchinhos) – 47.ª Semana Bíblica Nacional: *O Jubileu na Bíblia, na Igreja e na Vida?* [🔗](#)
- 25 a 29 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro para Sacerdotes [🔗](#)
- 25 a 30 **Fátima** (Consolata) – Curso de Missiologia [🔗](#)
- 27 a 30 **Viana do Castelo** (Melgaço, Monção e Valença) – Acampamento «JubiGo» [🔗](#)

Agenda setembro 2025

- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Início da Pré-inscrição: Os Exercícios Espirituais na Vida Corrente [🔗](#)
- 1 a 6 **Ávila** (CITEs) – III Congresso Internacional sobre Santa Teresa de Lisieux [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolecção Itinerante: “Meu Deus, eu Creio...” – P. Ronaldo Araújo [🔗](#)
- 12 a 14 **Lisboa** (Teatro Camões) – Thérèse Martin: Musical inspirado em Santa Teresinha [🔗](#)
- 19 a 22 **Algarve** (S. Lourenço) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 20 a 28 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)

- 25 **Lisboa** (Aud. Cantina) – A Esperança na Música e na Filosofia [🔗](#)
- 25 a 28 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 28 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 28 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada de Espiritualidade: “A esperança em Teresa do Menino Jesus” – P. Agostinho Castro [🔗](#)
- 30 **Porto** (Coliseu) – Thérèse Martin: Musical inspirado em Santa Teresinha [🔗](#)



Thérèse Martin é um espetáculo de teatro musical que conta a história da grandeza de alguém que apenas quis ser pequenina. Sobre um pequeno caminho que, não tendo nada de espetacular, se tornou absolutamente revolucionário.

É inspirado na vida de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face que, tendo vivido apenas 24 anos em família e depois no Carmelo em Lisieux, se tornou numa das santas mais conhecidas em todo o mundo, amada por crentes e não-crentes e reconhecida pela UNESCO entre as figuras mais significativas para a humanidade contemporânea.

Baseado inteiramente nos seus manuscritos, este é um espetáculo com música original criada a partir de Debussy, Ravel e Satie, três compositores franceses seus contemporâneos, e com referências a Monet, impressionista dessa mesma época – ou não fosse esta Santa a padroeira de França.

Estreia-se no ano do centenário da sua canonização, numa produção que conta com 24 atores e uma orquestra de 12 músicos a tocar ao vivo. O espetáculo é dirigido a todos os públicos. [🔗](#)



Jubileu: Das indulgências à indulgência

Armindo Vaz, OCD

Por primeira vez na história da Igreja, em 1300, o Papa Bonifácio VIII promulgou o jubileu e instituiu a indulgência jubilar, com a remissão das dívidas – agora espirituais – causadas pelos pecados: «Concedemos uma indulgência de todos os pecados, não só plena e mais abundante, mas pleníssima». Depois, a doutrina sobre as indulgências evoluiu até ao Papa Francisco, que fez uma inovação importante: a abertura da «Porta Santa é para oferecer a experiência viva do amor de Deus» (Bula de proclamação do jubileu ordinário 2025, *Spes non confundit*, 6). Colocou em primeiro plano a misericórdia e o perdão de Deus oferecido gratuitamente às pessoas que mediante a oração se abrem ao dom do Pai na pessoa do Filho amoroso, em vista da reconciliação com os irmãos: «A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do reino de Deus já presente no meio de nós» (Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia em 2015, *Misericordiae vultus*, 5). Sublinha que a misericórdia é «a arquitrave que suporta a vida da Igreja... A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa» (*Misericordiae vultus*, 10 e 12).

Nesta nova espiritualidade do jubileu já se fala pouco de *indulgências*. Usa-se a palavra no singular, que subentende mais o amor de Deus que perdoa do que os actos de piedade para obter o perdão. E as expressões habituais na celebração dos jubileus do passado, «ganhar indulgências», «remissão da pena temporal devida aos pecados»..., dispensam-se sem perder a riqueza espiritual e humana do amor de Deus concedido. «Viver a indulgência no Ano Santo significa aproximar-se da misericórdia do Pai com a certeza de que o seu perdão cobre toda a vida do crente. A indulgência é... para que o perdão se estenda até às últimas consequências aonde chega o amor de Deus» (*Misericordiae vultus*, 22). O jubileu recusa olhar para a vida como sem-sentido ou como fado e sugere vivê-la *com júbilo*: não é para a condenar, mas para a recuperar e redimir, até nos que a consideram perdida.

A palavra mais apropriada para exprimir o conteúdo da *indulgência* é *misericórdia*. A indulgência sublinha a grandeza da misericórdia de Deus e aponta para ela: «Não é por acaso que na Antiguidade a palavra *misericórdia* era permutável com *indulgência*, precisamente porque tem a intenção de exprimir a totalidade do perdão de Deus que não conhece limites... [Cristo] é “a nossa indulgência”» (*Spes non confundit*, 23). A *Misericordiae vultus* concretiza o alcance da indulgência: «Todos nós fazemos experiência do pecado... Sentimos fortemente o peso do pecado. Ao mesmo tempo que notamos o poder da graça que nos transforma, experimentamos a força do pecado que nos condiciona. Apesar do perdão, carregamos na nossa vida as contradições que são consequência dos nossos pecados. No sacramento da Reconciliação, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados. Mas o cunho negativo que eles deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte. Torna-se *indulgência* do Pai que, atra-



Basílica Papal de São Paulo fora de Muros, Roma
Fotografia: <https://pt.wikipedia.org>

vés da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e o liberta de qualquer resíduo das consequências do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no amor em vez de recair no pecado» (n.º 22; cf. *Spes non confundit*, 23). A indulgência dá ao pecador a consciência de redimido e de que está sempre frente à bondade de Deus como Pai. Todavia, esta apresentação da espiritualidade da indulgência não deve levar a desconfiar da eficácia total da misericórdia de Deus manifestada na vida e na morte de Jesus e comunicada no sacramento da Reconciliação; o jubileu proporciona e reforça o clima espiritual apropriado para o confessado prolongar os frutos do sacramento.

Entre os exercícios para obter a indulgência dos pecados, Francisco propõe visitar – em peregrinação – uma basílica, um santuário, uma igreja jubilar. Com isso sugere que a fé cristã agradece lugares e momentos que recorrem concretamente os seus factos históricos fundadores. Dirigir-se em peregrinação a um lugar considerado sagrado é, simbolicamente, demandar a terra prometida, a Jerusalém celeste (Ap 21,1.4). É fazer um retiro espiritual, subir ao monte de Deus, como Abraão, Moisés, Elias, Jesus, Paulo... A prática da peregrinação desempenha um importantíssimo papel catequético e de amadurecimento da vida espiritual. Libertada de expressões supersticiosas e reduzida ao seu significado genuíno, constitui um verdadeiro meio de crescimento humano e espiritual. E «representa um elemento fundamental de todo o evento jubilar. Pôr-se a caminho é de quem anda à procura do sentido da vida... Favorece muito a redescoberta do valor do silêncio, do esforço, daquilo que é essencial» (*Spes non confundit*, 5). Quem faz o exercício sagrado da peregrinação proclama íntima e socialmente a sua condição de caminhante sobre a terra, na dureza e nas alegrias da vida; declara-se insatisfeito com o já realizado e desejoso de subir mais no humano e na vida do espírito. A peregrinação é uma oportunidade para a descoberta, para a purificação interior. É ocasião para a catequese do coração, sob o signo da contemplação, do gozo e da paz de espírito; é uma iniciação ao «itinerário da alma para Deus». Mais do que puro exercício de ascese que exige esforço, mortificação e peni-

tência, a peregrinação 'diz' que o seguidor de Jesus não se prende muito a coisas passageiras e não olha para trás, porque o *atrás* já passou. Peregrinar é entender que a vida é breve e não há tempo para fazer tudo, muito menos o mal, mas só o bom e o melhor. Nem há autêntica peregrinação se o peregrinar físico não realiza uma peregrinação

ao interior do ser e da vida, para perceber que sentido e que orientação dar-lhe. Implicando oração e conversão, a peregrinação continua a ser uma forma irrenunciável de humanização. Durante uma peregrinação jubilar e no fim dela, reaviva-se a esperança humana e crente como melhor fruto da celebração do jubileu. [continuará]

Jubileu e esperança

Armindo Vaz, OCD



Artistas criam mosaicos de flores para a tradição histórica da «Infiolata» em Roma. Mazur/cbcew.org.uk

Sem casa... e a esperança?

A crise de habitação no país – e fora do país – protesta e grita com franqueza desembainhada pela necessidade de uma casa onde assentar a própria dignidade: não se pode 'consistir' e coexistir sem casa! Até os migrantes que saíram de casa precisam de casa onde trabalhar de dia e descansar de noite. A casa ajuda a construir a família. Na vida, dificilmente haverá família onde não houver casa. As grandes apostas da vida envolvem sempre por algum lado casa própria e família própria. Ter casa própria é uma condição fundamental para cumprir o grande objectivo da vida que é viver mesmo e não sobreviver. A casa ampara o crescimento das pessoas, embala os afectos, afaga os sentimentos, estreita e aprofunda as relações humanas, aconchegando-as com o comer juntos à mesma mesa e com o dormir debaixo do mesmo texto. A morada é o espaço onde cresce o bem, onde a pessoa se encontra

bem, onde o amor se entranha, onde a zanga se dilui, onde mais facilmente se faz o exercício da compreensão, da reconciliação e da harmonia. Ter casa é dar lugar à vida, evitando ser errante. A casa ajuda a construir tradição e a guardar memória, que dão 'consistência' ao viver. Que memória conservam os que vivem numa barraca como solução de habitação?

Na crise existencial de habitação, a casa conseguida pelas pessoas sabe a **esperança**: fá-las sentir que a vida não só tem um *porquê* mas também um *onde* e um *como*. Fá-las pensar com fé que estão a caminhar ao encontro de Alguém que as espera e as receberá na casa paterna e materna. Como o melhor conforto para o faminto seria ter um naco de pão, assim a melhor celebração do jubileu da esperança para o grupo dos sem-abrigo seria terem casa. Também com eles se identificou Jesus: «era estrangeiro e acolhestes-me» (Mt 25,35.43).

Lúcia de Jesus

peregrina e testemunha da Luz

XIII Congresso de Espiritualidade

Fátima · 17 a 19 outubro 2025



Férias Orantes: descanso e espiritualidade

Avessadas, 4 a 9 de agosto



A Comunidade dos Carmelitas Descalços de Avessadas convida a todos para a iniciativa *Férias Orantes*, que decorrerá de 4 a 9 de agosto de 2025, no contexto do Ano Santo dedicado à Esperança. Com o tema “Descanso em tempo de Esperança”, o programa combina momentos formativos, orantes, culturais e recreativos, pensados para renovar corpo e espírito. [🔗](#)

Espiritualidade e mística em Portugal

Tomo I, volume I



Teve lugar no passado dia 2 de julho, no Museu Pio XII, em Braga, o lançamento do primeiro volume (de sete) da História Global de Espiritualidade e Mística em Portugal e da versão *online* do Dicionário Global de Espiritualidade e Mística. Com coordenação científica do Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização e apoio da Conferência Episcopal Portuguesa, este projeto reúne centenas de contributos académicos e espirituais que lançam uma nova luz sobre a riqueza da tradição mística em Portugal. O *'Dicionário Global De Espiritualidade e Mística'* (*online*) tem 4 mil entradas, distribuídos por 24 áreas temáticas, coordenadas por 27 pessoas, mobilizou 700 investigadores a nível mundial, de mais de 20 nacionalidades, e mais de 200 centros de investigação. [🔗](#)

Formadores para a experiência mística

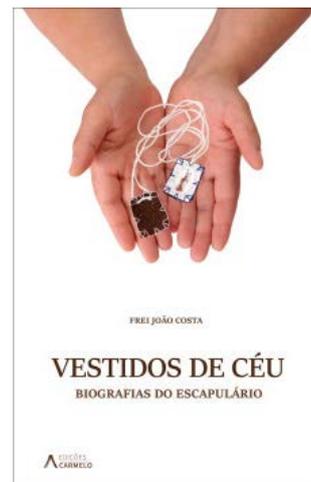
Biénio 2025-2027



O Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista (CITeS), também conhecido como Universidade da Mística, em Ávila (Espanha), apresenta para o biénio 2025-2027 o curso de especialização “Formadores para a Experiência Mística”, direcionado para quem deseja orientar pessoas ou comunidades rumo a uma vivência profundamente espiritual. O programa do curso tem o objetivo de explorar a confluência entre mística, psicologia e desenvolvimento humano. Serão formados líderes capazes de autoliderança pessoal e de suscitar a autoliderança em pessoas e grupos. Tudo isto, em abertura ao dom da experiência do Mistério com o seu poderoso impacto a nível pessoal, comunitário, eclesial, social, ambiental e cósmico. A participação no curso exige a inscrição prévia na Secretaria do Centro (antes de 1 de setembro) e o pagamento correspondente da matrícula. As inscrições posteriores a esta data terão uma coima. [🔗](#)

VESTIDOS DE CÉU Biografias do Escapulário

Frei João Costa



Bela é a Senhora do Jardim – o Carmo, porque se tão belas Deus fez flores, muito mais belas Ele fez Sua mãe! Para nós Carmelitas, a Senhora do Carmo e do Carmelo é a Vitis florígera, a videira florida; a Rosa recens, a rosa fresca; o Lilium sempre candidum, o lírio imaculado. Este livro fala de dezasseis flores cujas vidas, em diferentes épocas, honraram e serviram a flor mais bela e mais perfumada do Jardim de Deus: a Flor do Carmelo! [🔗](#)

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

cl@ustro

A desventura de algumas plantas migrantes: de bem-vindas a invasoras.

O século XV marcou o início de uma protoglobalização que trouxe, vindas da Península Ibérica, inúmeras espécies vegetais pelo mundo – inicialmente bem acolhidas, tornaram-se hoje ameaças sérias. O artigo, assinado por Nicole Vareta, alerta para os impactos destas “plantas migrantes”, que com o tempo adquiriram estatuto de espécies invasoras. [🔗](#)

Minha Mãe, a Virgem Maria. No contexto espiritual do Carmelo, Isabela Neves, apresenta a Virgem Maria como guia maternal e modelo de humildade na vida de fé e oração dos carmelitas. Inspirando-se numa passagem do Livro de Reis (1Rs 18,42-44), Neves compara a humilde “nuvenzinha” que antecede a grande chuva com a presença discreta de Maria na história da salvação. Tal como Elias percebe nesse sinal o anúncio de bênçãos vindouras, assim Maria, concebida livre do pecado, prefigura-se como ‘nuvem suave’ que precede a graça de Cristo. [🔗](#)

Férias: o desafio de recomeçar:

O Lazer Sério como Espaço de Plenitude. Maria Alexandra d’Araújo defende que as férias devem ser encaradas como muito mais do que simples períodos de descanso: são momentos propícios para um “lazer sério”, capaz de promover renovação pessoal, equilíbrio emocional e aprofundamento espiritual. [🔗](#)



Stella Maris, uma paz desarmada e desarmante

Frei Miguel Márquez Calle, OCD, Prepósito Geral



P. MIGUEL MÁRQUEZ CALLE, OCD
PREPÓSITO GERAL

Queridos irmãos e irmãs da grande família do Carmelo: Carmelitas Descalças, Frades, Leigos OCDS, Famílias, amigos e Institutos afiliados.

Nesta bela festa da nossa Mãe e Irmã, Santa Maria do Monte Carmelo, muito me alegra dirigir-me a todos vós para vos felicitar e agradecer a Deus pelo dom da nossa vocação.

Neste dia solene, sob o manto de Maria, unimo-nos de modo especial a todos os que viveis situações de guerra, falta de liberdade, perigos, crises, doença ou solidão. Também àqueles que, por diversas circunstâncias, haveis deixado a Ordem como instituição. Maria continua cuidando de cada um e de cada uma, onde estiverdes, acendendo em vós um renovado

«Sim».

No coração e nas entranhas de Maria, *Stella Maris*, é-nos oferecida uma aurora de confiança e de um futuro inédito. Aproveito este dia para agradecer a todos o entusiasmo e o belíssimo acolhimento que teve o impulso de revitalização mariana, com o qual convidámos toda a Ordem a renovar a nossa esperança com Maria em Jesus. Em todo esse caminho acompanha-nos a profunda convicção de que Maria dará à luz, não o Carmelo que sonhamos, de que temos saudade ou que desejamos, mas o Carmelo que o seu Filho espera de nós.

Escrevo-vos esta carta a partir de Lisieux, na capela de Santa Teresinha, ao som do rio que percorre as muralhas do Carmelo de Teresinha. Nesta capela do *Ermitage*, há um formoso e simbólico sacrário dentro da silhueta da Virgem do Sorriso, exatamente no lugar das suas entranhas. O Carmelo está nas entranhas de Maria, como naquele sacrário, como esteve Jesus. Ela dar-nos-á à luz e nos dará a luz. Tenho grande confiança nesta oração com Maria, e com São José, no sonho do qual o Carmelo enfrenta o impossível com um coração humilde e audaz. Aqui, nestes dias, rezei por todo o Carmelo.

Partilho convosco a ladainha que me brota espontaneamente do coração. Convido-vos a completá-la com a invoca-

ção e a experiência com que Maria pulsa dentro de cada um de vós:

Santa Maria da Boa Esperança

Maria, com a Esperança nas suas entranhas, põe-se a caminho, peregrina da fé. Talvez seja o melhor ícone da contemplação. Maria carrega dentro de si o mistério de um Deus Encarnado, que se faz debilidade e vulnerabilidade. Com pressa, com o coração desperto e apaixonado pelo Deus pequeno e infinito que leva em si, caminha para servir a sua prima Isabel. Desde o início, os primeiros eremitas, expulsos da Terra Santa, tiveram de sair, peregrinar e descobrir o verdadeiro Monte Carmelo dentro de si e em cada lugar, em cada etapa da história. Convido-vos a dar um passo em frente e a não permanecer nas cinzas do passado, mas antes a reavivar o fogo do presente.

Santa Maria da paz desarmada e desarmante

O nosso Papa Leão convidou-nos a cultivar uma paz desarmada e desarmante. Nós queremos ser «descalços», desapegados, humildes e perseverantes, e lutar desarmados de nós próprios, com paixão, para construir a paz, começando pela nossa própria comunidade e pelos irmãos e irmãs com quem vivemos. Sem essa rendição e esse despojamento, não é possível o diálogo nem a fraternidade. Maria legitima e fundamenta em cada um de nós essa Paz, curando as feridas interiores de guerras e batalhas passadas. Somente desarmados e confiantes poderemos enfrentar o que está para vir.

Santa Maria das lágrimas

Maria desperta em nós as lágrimas e o pranto pela injustiça e pela guerra, pelos conflitos cruéis do nosso tempo, transformando a justa indignação e a impotência em luta pela transformação do nosso mundo. Não é uma mãe que nos deixa na tranquilidade da indiferença e numa comodidade apática. Ela acende em nós o fogo e a paixão de irmãos, que escutam o grito dos que sofrem. Maria,

que o nosso coração desperte com o choro dos aflitos e se inflame de paixão pela paz, arriscando a vida.

Santa Maria das pontes

Maria sempre tece com a sua presença maternal uma ponte entre irmãos, entre povos, entre carismas, entre ideias e culturas. O Papa já nos convidou várias vezes a construir pontes. Pontes que superam o confronto e são o primeiro passo da reconciliação e acolhimento ao outro. Uma ponte construída como metáfora de encontro, que rompe com a polarização crescente do nosso mundo. No Carmelo, desde os tempos de Teresa e João da Cruz, corremos o risco de nos considerarmos do lado certo, de termos razão, de julgar o outro, de acreditar que possuímos a correta interpretação do carisma... Santa Maria das pontes impede que nos afundemos nas águas da nossa autossuficiência orgulhosa.

Santa Maria da vida quotidiana

Maria, Mãe e Irmã dos carmelitas, educa-nos para a vida contemplativa no comum e quotidiano de cada dia; da mística do que não brilha, do que não deslumbra. A espiritualidade das coisas comuns, feitas sem desejo de serem vistas ou reconhecidas. *Fazer o que não gera aplausos nem agradecimentos* (Julián Marías). Cultivar a ternura dos detalhes e dos gestos gratuitos, sem esperar recompensa. Cuidar da casa comum, com a intenção de que todos a sintam como seu próprio lar.

Santa Maria do diálogo e da escuta

Maria, mulher da escuta que ausculta a vida que pulsa por dentro, mulher de silêncios e perguntas, de palavras que brotam do seu coração sincero e agradecido, desperta em nós o diálogo que se abre para aprender e compreender a verdade do outro; ensina-nos o diálogo como abertura e descoberta, recetividade e *parresía* (liberdade de dizer), docilidade e oferecimento.

Santa Maria do sopro e do descanso

Maria ensina-nos a descansar, a cuidar de nós mesmos para cuidar dos outros, a respirar e deixar-nos respirar, com um ritmo que não é o da pressa ou da aceleração, mas o da qualidade de vida e de presença. Maria anima em nós o sopro do Espírito, que marca o nosso passo quotidiano e nos ajuda a saborear a vida. Somente descansando podemos trabalhar. Maria recorda-nos o pulsar da presença que nos habita, sem nos deixar cair no stress da dispersão. Ajuda-nos a rever e a reorganizar pessoal e comunitariamente a inércia que não nos deixa beber e saborear o presente.

Santa Maria do caminho nos “não caminhos”

“Mesmo nos desertos do coração, brota a frescura das fontes” (Roger de Taizé). Maria é mãe da esperança nos aparentes finais da história, e aguarda no Sábado Santo da história uma ressurreição surpreendente. Em tantos “não caminhos” da vida, Maria leva-nos pela mão e conduz-nos, como filhos, abrindo caminhos que não figuravam nos mapas dos mais sábios exploradores. Ela dá à luz um caminho na Noite da história, um trilho nas rotas sem saída e um poço nos fracassos. *Stella Maris*. Ela também nos ensinará, nas muitas situações de Carmelos em extrema fragilidade e outros que encerram, a ser semente que se enterra para, a seu tempo, dar fruto como Deus quer.

Santa Maria da humildade e da audácia

Santa Maria do Monte Carmelo recorda-nos que somente os humildes são os verdadeiros valentes na aventura de dar a vida. Humildade e valentia. Simplicidade e ousadia.

Santa Maria dos rebentos invisíveis

Diante da ameaça de um olhar negativo sobre o presente, Maria empresta-nos o seu olhar positivo, conhecedor do mais além e do depois que pulsa em seu Filho, Senhor da história e do futuro. Maria aponta, no velho tronco do Carmelo, os rebentos de graça e de recomeço. Cura o nosso olhar negativo e confronta-nos com a realidade, sem a idealizar ou negar, mostrando-nos, em cada momento, a presença de Deus que quer nascer. A fé de Maria é sempre fecundidade e porta de esperança para o desejo de Deus. Ela convida-nos a abençoar os rebentos que já despontam em cada pessoa e em cada comunidade.

Convido-vos a acrescentar a vossa própria ladainha, e a invocarmos juntos Maria.

Também vos apresentamos os resultados da pesquisa que fizemos a toda a Ordem e que são como que uma radiografia do nosso sentir mariano. Agradeço de coração aos irmãos da equipa de Fátima por todo o precioso trabalho que realizaram com tanta dedicação e entusiasmo.

Por fim, anuncio a abertura de um blogue mariano, no qual se reunirá todo o dinamismo que diz respeito à Virgem Maria e ao Carmelo, e que estará disponível no link: <https://maristellacarmel.com/>. Inicialmente contará com publicações em cinco idiomas, com a possibilidade de adicionar outros, caso haja voluntários para traduzir e editar os correspondentes conteúdos.

Uma muito feliz solenidade, queridos irmãos e irmãs. A todos, o meu abraço e bênção.

Roma, 16 de julho 2025



www.maristellacarmel.com

MariStella

Maria e o Carmelo

Ser Pão de Vida Eterna

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: pixaby.com

«Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele» (Lucas 10::33-34)

Meu querido irmão:

Impele-me o Espírito Santo a escrever-lhe para lhe dizer algo acerca do que eu entendo ser pão de vida eterna, na minha vocação.

Quando me faço pão da palavra para rezar com algum irmão, tenho por princípio assumir em mim a pessoa que tenho por diante, para poder partir da sua realidade e levá-la até Deus. Foi isso que certa vez aconteceu – tinha eu diante de mim um irmão muito débil e inconstante na fé, sem força interior, com um orgulho refinado muito grande que o fechava em si mesmo e o isolava. Uma auto-suficiência tremenda, que funcionava como defesa e segurança. Era muito inteligente e tinha muito medo de que descobrissem a sua verdade. Vivia um verdadeiro martírio dado à excessiva racionalidade acentuada pelo perfeccionismo e à falta de confiança em Deus.

Eu conhecia tudo isto, mas também conhecia que, para o dar a Deus, tinha que o fazer sair de si e lançá-lo na misericórdia divina que, constantemente, nos re-cria no amor. Entendia só poder chegar ao seu coração se assumisse a sua debilidade, fazendo-a minha e, desde aí, caminhasse até Deus. Para mim são as palavras de S. Paulo: «fiz-me tudo para todos a fim de alcançar alguns» são um mandamento. E então, assumi a sua debilidade, pus-me a seu lado e procurei fazê-lo entender como Deus, desde a minha imperfeição, me chama a uma vocação e a uma missão divina. E assim fui procurando lançá-lo na busca de Deus na sua vida, dando-lhe por base a minha. Dizia-lhe

muitas coisas entre as quais esta: «sinto também o peso da minha pouca fé, da minha falta de esperança, do abandono confiante, o peso da minha condição de criatura... Quero o Pão do Pai, este pão que é vida divina! Encanta-me ver que quando Deus me estende a mão, nas minhas fragilidades, ousou aproximar-me do Coração trespassado levantado ao alto, como Ele se torna a minha fortaleza, como Ele se torna a minha humildade, como Ele se torna a minha pobreza, como Ele sacia a minha fome de vida com a Sua Vida. Emudeço ao sentir que um amor mais forte me sustenta até nos meus desvarios e me faz sempre ir mais longe, perdendo-me de mim e encontrando-me n'Ele».

Se o leitor ler o texto com esta chave, encontrará muitíssimos momentos de afirmação da minha fragilidade e do meu abrir-me a Deus. E lá fui eu assumindo a condição do meu irmão com todos as debilidades que conhecia e fui enumerando-as como minhas, para que o meu irmão me pudesse sentir como companheira do caminho da fé e se abrisse à presença de Deus. Queria que meu irmão visse que se em mim a graça de Deus não fora inútil, e não é inútil, nele também não seria.

Infelizmente o meu irmão não foi capaz de confiar em Deus e de se abandonar à sua acção. Mas foi capaz de reconhecer que eu não era aquela fragilidade que ali dizia. Para ele eu era uma mulher de grande fé e interpelava-o por isso. Com frequência ele mo dizia e olhava-me procurando ver o rosto de Deus que não conseguia ver!

Baixar-nos até à realidade do outro, assumir essa realidade como nossa, não é outra coisa senão o que faz o Bom Samaritano – pegou no homem meio morto, colocou-o na sua montada e levou-o ao estalajadeiro para que cuidasse dele.

Para mim ser pão de vida eterna é muitas vezes pegar na pessoa meia morta, tomá-la sobre os meus ombros e

levá-la a Jesus com as suas feridas, para que Ele a cure. Isto é o que encontra nesse texto. «⁴Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores. Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. ⁵Mas foi ferido por causa dos nossos crimes, esmagado por causa das nossas iniquidades.» (Isaías 53)

Com isto não quero fugir da minha condição de criatura pecadora, nem do pensamento que elaborou de mim a partir desta carta. Quero apenas ser fiel ao Espírito Santo.

Sei em quem acreditei e estou certa de que Ele levará por diante a obra a que me destinou, «*esquecendo-me daquilo que está para trás e lançando-me para o que vem à frente, ¹⁴corro em direcção à meta, para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus*» (Filipenses 3).

Juntos damos graças a Deus por todos os seus benefícios e por o Espírito Santo me escolher e ensinar a ser pão de vida eterna para muitos.

Bendito seja o Senhor por tudo e para sempre!

Mística y ciencias humanas



TÍTULO PROPIO
UNIVERSIDAD CATÓLICA DE ÁVILA

TRATAMIENTO
INTERDISCIPLINAR
DE LA
EXPERIENCIA MÍSTICA

MÁSTER - ESPECIALISTA - EXPERTO

Carmelitas Descalços com presença no canal do WhatsApp

<https://whatsapp.com/channel/0029Vb690HWKLaHijE1IQf2c>



A Província portuguesa dos Carmelitas Descalços em Portugal criou um novo canal oficial. Neste caso no WhatsApp.

Através deste canal propomo-nos oferecer, diariamente, conteúdos vários que julgamos interessar ao público em geral, mormente à comunidade católica e à carmelitana; quem desejar, poderá, assim acompanhar as nossas notícias, reflexões espirituais, eventos, mensagens da Ordem e atualizações importantes, diretamente no seu telemóvel, de forma prática e segura.

Acompanhe o nosso canal WhatsApp acedendo ao link:

<https://whatsapp.com/channel/0029Vb690HWKLaHijE1IQf2c>. Este é um novo meio para estarmos mais próximos de todos os que connosco caminham na esperança, na fé e na oração. Obrigado por nos ajudar no nosso compromisso e na missão de carmelitas. 🔍

Diz que é uma espécie de Diário duma Novena

Frei João Costa, OCD



Convidaram-me os meus irmãos frades de Viana do Castelo a pregar a *sua* Novena do Carmo e eu aceitei. Com gosto. Falei primeiro cá em casa, com a minha comunidade, ponderámos, atempadamente, forças e falhas, organizámos os dias e as solenidades a que teria de faltar. E aceitámos.

Aqui deixo algumas notas sobre o ali vivido e o rezado.

1. Fui levado a Viana pelo Frei Rui. Pelo caminho e para não falarmos só de futebol, instruiu-me sobre o povo de Viana, sobre o génio das gentes da Ribeira, sobre o denodo dos homens do mar e sobre a responsabilidade de, para além destes, falar aos homens e mulheres da Guarda Nacional Republicana. Faço notar isto: eles são iguais aos demais, é certo, mas apresentam-se fardados, garbosos, dignos, a rezar e a cantar à sua e nossa Padroeira. Comunhão, portanto. Dá gosto partilhar com eles a Mãe!

À chegada descarreguei, rápido, a trouxa, e ainda lhe perguntei se almoçava connosco. A casa não é minha, não é dele, mas em Portugal diz-se que enquanto o caldo está na panela chega para todos. Preferiu ir comê-lo na casa de familiares e fez bem, afinal não havia sopa na mesa.

2. Atribuíram-me uma cela virada para o interior do claustro, donde quase não saí. A cela era abafada, mas abrir a janela era assunto que não se punha – tal era o calor durante o dia. Pedi uma ventoinha e não havia. A meia tarde, por magia, apareceu uma à porta. Estava nova e deitava-me ar para a cara. Não refrescava, mas a sensação era de que sim. Sobrevivi mantendo-a ligada, inclusive, de noite, ou em grande parte da noite – fiquei caro à comunidade.

Era tal o calor que tomava banho antes da Novena e, de novo, me refrescava no fim dela. Fiquei-lhes caro em água, embora o segundo banho fosse só para retirar o suor que me picava a pele. Não uso gel, mas sabonete; levei-o de casa, mas não digo quanto gastei para que o meu ecónomo não desmaie – a ignorância também salva. Se isto ler, ele que me perdoe como puder.

3. Abrir a janela da cela para que o fresco da noite me beijasse a cara tem o seu custo – ao menos no Carmo de

Viana: entram também os mosquitos. Fui a Viana, recordei Viana, gostei de Viana, mas também saí de Viana com gosto. Desculpem se vos incomodo (um pouquinho talvez): pela manhã o meu corpo parecia ter sido bombardeado, tantas eram as crateras pequeninas e vermelhucas que a minha pele apresentava. Ao fim de dez dias de bombardeamentos sobrevivi, mas não volto lá sem mísseis Patriot! Ai não volto, não!

4. O que me valeu foi aquela janela alta, qual abertura de imenso Céu. Ah, que porta aquela porta... Aquela janela de luz, aquela janela de glória, de paz. Não importava que o céu fosse farrusco ou pardo – importava que não fosse postigo, que ela abrisse para cima. E para baixo também. E em baixo eu contemplava um jardinzinho fresco, florido, bonito, terno – ah, que belas palavras me inspirou!; e uma oliveira que – foi em Viana que o aprendi – é o brasão duma casa; e também um sino cansado e fora de combate, mas imponente em seu silêncio, falando tanto como um mudo de mãos erguidas, diante do Santíssimo Sacramento!; e uma cruz-padrão, alta como um himalaia, obrigando-nos a sempre alçar o olhar para a glória. Sim, eu abria a janela e ela falava-me de voo, de céu, de anjos em júbilo. De quarto em quarto – um dos sinos deve estar rachado, Padre Nuno! –, uma badalada lembrava-me que eu ficava mais perto do Céu, mais perto, mais perto, uma hora mais perto do céu!

Graças a Deus!

(Em boa verdade, eu não sei como não vem mais gente para frade; rápido pensei eu que, se fácil não fora de vir, ou ainda não viera, me disporia a pagar para entrar, só para poder ouvir aquele sino, desde o lado de dentro, de quarto em quarto de hora, tangendo-me a alma e falando-me linguajar celestial!)

5. Rezei com aqueles santos monges. São monges orantes e avançados, ultramodernos. Quando chega a Hora que, generoso, o sino dá, sacam do bolso o telefone, abrem a aplicação e cantam tudo. (E se é o frei Agostinho a presidir, cantam-se até as rubricas!) Eu usei um velho e desgastado breviário, pois não levava o meu para não pesar – afinal, os

rompidos breviários em desuso jaziam todos em descanso à entrada do oratório e para algo haveriam de servir, claro; para peregrinos como eu.

Se o leitor faz parte daquele exército orante, perceberá o que a seguir vou dizer: quando se usam versões diferentes dos textos sálmicos, aquilo, por vezes, redundava numa pequena confusão babélica. Na verdade, era só eu que destoava, o que imprimia o seu quê de trémulo e desordenado à minha oração. O que me vale é que eu sempre me encomendo ao Santo Espírito quando início a reza.

Ainda tentaram baixar a *aplicação litúrgica* para o meu telefone, mas eu resisti. Devo ser antigo, pelo que é coisa em que não encaixo. Nem mesmo me convence que se possa rezar as Horas quando em viagem; para isso, lhes disse que quando em deslocações, eu faço como São João da Cruz: canto os salmos com os olhos, com o coração e a boca. E se os não canto inteiros como ele cantava, bato palmas ou danço nos versículos em que a memória me falha. E depois contemplo a natureza, os rios, os vales, os campos de milho, as vinhas de enforcado, os animais a pastar, os montes correndo velozes atrás de mim como carneirinhos, as nuvens, a luz do sol. Ah, a luz do sol...

Existe outra razão para não baixar a aplicação: ela só fornece a liturgia própria do dia litúrgico *normal*, isto é, sem atender às especificidades de cada família espiritual. Carmelita eu sou, caramba, por isso, não há santinho dos meus que eu não recorde e celebre – nem que apenas seja com a oração *dfc* colectal, mas acontece que na *aplicação oficial* eles não fornecem o ofício de São Louis Martin e Santa Zélia Guérin, e eu gosto muito de os celebrar. Gosto mesmo muito!

6. No primeiro dia da Novena puseram-me a casula às costas, para que eu entendesse que o serviço novenário era mesmo comigo. E era. Eu sabia-o, mas ainda, não assumira bem quão pesada poderia ser a responsabilidade. Mais para mais, toda a comunidade religiosa estava ali a ouvir e a rezar comigo; e depois, à mesa, comentavam-me os meus manquejamentos. Cheguei a lembrar-me do meu exame para a Primeira Comunhão que meu pai me fez (minha mãe rezava por mim) debaixo duma ramada, enquanto arrancávamos batatas... Não posso contar agora aqui essa *estória*; posso, sim, contar que no refeitório do Carmo de Viana me senti pequenino durante a Novena. E as batatas, apanhava-as, mas no prato...

E é mesmo verdade que à mesa comentavam tudo e mo atiravam, com caridade, à cara.

E pelo meio o Superior ia avisando que tinha enviado emails aos Párocos da cidade. E foi assim que pela Novena foram passando alguns párocos: o Padre Quintas, de 91 anos; o Padre Belo, de 86 anos; e o Padre Coutinho de 82. O leitor haverá de pensar que eles estão velhos e trôpegos, mas não eu. Esses três veneráveis, mais o Pároco da Sé, passaram por lá, e repetiram a dose, pelo que eu me via, sem querer, entre doutores; mas desta vez eles sabiam bem mais que eu! E fincavam as frentes semi-inclinadas nos braços ossudos como rijas escoras, e isso intimidava-me porque, sei lá se eu os estava a ajudar a caminhar para o Céu, se a afundar-se no barro! Sim, aquelas cabeças pesadas inclinadas sobre mãos, intimidavam-me. O que vale é que um deles, num dos dias do meio da Novena, puxou-me pela manga e me disse: – *O senhor diz*

coisas interessantes, mas eu vinha à espera de o ouvir falar do Escapulário!

Logo eu descansei nas «*coisas interessantes*» e depois remendei, sem mentir, que como em Canadá, o melhor vinho ficava para o fim. E ele veio ouvir até ao fim.

7. Eu já tinha vivido em Viana do Castelo. Seis anos, nada menos! Mas seja em Viana, seja onde for, mantenho um defeito que não deve ser só meu: longe da vista e longe da memória, depressa esqueço os nomes das pessoas. É um defeito que lamento muito, mas não sei como resolver. Por isso, quando na Novena subi, pela primeira vez, ao altar encontrei um rebanhinho fiel e algo robusto – mais de setenta pessoas! Eram quase todas conhecidas, de rostos lindos, tão aprimorados quanto devotos. Claro, estavam todos doze anos mais velhos, pois os anos passam, afinal, por todos. E havia também alguns novos, não propriamente em idade; embora houvesse alguns fossem jovens.

Uma coisa sobremaneira me encantou: fossem novos, fossem velhos, valentes, todos cantavam, especialmente os hinos e os cânticos da Senhora do Carmo! E eu gosto disso, porque um povo com identidade, sabe encantar o coração, sabe cantar o que é seu, tanto o da terra como o do céu!

8. E tinham um acólito. Chamava-se Henrique. Se não erro tem dez anos. Quero que saibam que, por vezes, os melhores celebrantes são os acólitos. O Henrique só faltou uma vez porque teve uma prova de judo. Ao ouvi-lo justificar-se no dia seguinte quase fiquei contente: um padre está no altar e é bom saber que está bem acolitado e bem defendido!

Mantenho que às vezes os acólitos são os melhores celebrantes, mesmo se distraídos como o Henrique. Ah, que bom celebrante é o menino. E depois, era mais nele que, durante a Novena, as velhinhas mais se infirmavam! E eu cá por mim, ficava descansado... Existe ainda outra coisa que me agradava no acolitozinho: quando procedia ao lavabo deitava-me água abundante nos pulsos, coisa que muito me delicia. Pena era que também me caísse nos pés. De todo eu não desgostei, enfim, mas como não dava para os enxugar... – Deus te perdoe, Henrique!

9. A nossa espiritualidade carmelitana mariana é a mais perfumada. Gosto muito disso. Outras há que são mais doloristas, mais combativas, mais voluntaristas, mais misericordiosas, mais missionárias, mas ardentes, mais fraternas, mais viradas para a conversão, mais pungentes e piedosas. Eu gosto da espiritualidade mariana do Carmo, porque é terna, suave, enamorada e levemente perfumada. Gosto muito.

Carmo ou Carmelo são nobres palavras hebraicas cuja transumância para o português nos coube a nós, Carmelitas; e que muito me dizem porque são antigas, bíblicas, com muito sarro – um doce sarro perfumado, diga-se; e por ambas dizerem: *vinha florida* ou *jardim de Deus*. Um ou outro dizer, encantam-me muito. A *vinha florida* é inebriante fonte de esperança, é (quase) certeza de vinho (e de alegria). E é perfume. O *jardim de Deus* é perfume e fragância, é encanto, é beleza, é tempero, é sinal de urgência de trabalho, de trabalho interior, de cuidado dos outros e de si próprio. É perfume perfumado.

Eu gosto do perfume que damos quando trabalhamos, quando ajudamos os outros, quando, desgastando-nos, suamos. Gosto de qualquer perfume, sobremaneira desse que fala do duro esforço que dá trabalhar o interior de cada um de nós, até fazermos dele um jardim agradável e prazeroso para Deus, para a Virgem e para os irmãos. Um jardim com uma fonte no meio, de preferência, claro.

10. Doze anos é muito tempo. Por isso, com facilidade as senhoras (e alguns senhores) que todas as noites constituíam aquela interessante assembleia ultrapassavam os oitenta. Certo dia da Novena em que distribuía a comunhão pediram-me que fosse levá-las a um banco. Fui. Aproximei-me e a senhora, soerguendo-se a custo, endireitou-se. Ao levantar-se vi que tinha ao lado um andarilho. Não sei se fiquei mais surpreso, se mais preocupado.

No dia 15 à noite, saímos em Procissão de Velas – com «*dois binómios à frente*», dizia-me, ufano, o Padre Marco Caldas que tanto trabalhou para a festa! –. Fizemos o percurso de sempre. Coisa para bem mais de uma folgada hora – e não, não é por ir a rezar que, mormente para aos velhos, o caminho se torna mais levadeiro! Eia, pois, qual não é o meu espanto, quando, à saída da Procissão, vi a velhinha e o seu companheiro, digo, o seu andarilho, ao fundo da igreja! Pensei: queres ver, Frei João, que ela vai na procissão! Não ia, não foi. Ficou ali, no último banco. Quando reentrávamos, ela lá estava. «*Fiquei a rezar*», disse-me ela, consolada, quando, no regresso, me inclinei sobre o seu rosto.

Na hora, só me consegui lembrar de Moisés, já velho, engelhado e roído das artroses, rezando no cimo dum monte, com os braços levantados, enquanto Josué e os israelitas combatiam, cá em baixo, os amalecitas. Josué me senti eu por uma noite, assumindo, que sim, enquanto corremos e labutamos existe uma indesejada igreja velhinha e cansada que reza por nós, para que não cansemos nem desistamos.

Obrigado.

11. Quem me conhece sabe que tenho uma ternura enorme por Simone Weil (1909-1943). Nascida judia em Paris, era, como a sua família, agnóstica. Aos 15 anos obteve o bacharelato em filosofia e algures depois, mesmo frágil de saúde, fez-se operária metalúrgica nas fábricas da Renault. Por causa da condição precária dos operários tornou-se pugnaz sindicalista, para os defender. Era cristã, mesmo sem ser baptizada porque, dizia, «*sempre adoptei como única atitude possível a atitude cristã. Por assim dizer, nasci, cresci e permaneci sempre na inspiração cristã. Claro que sabia que a minha concepção de vida era cristã. É por isso que nunca me ocorreu que poderia entrar no cristianismo. Tinha a impressão de ter nascido no seu interior*». Tinha, em função dessa concepção, um certo pudor em entrar numa igreja, «*apesar de me sentir bem lá dentro*». Porém, era mística à altura e com a profundidade duma Santa Teresa ou dum São João da Cruz. Como mulher mística encontrou-se várias vezes com o Crucificado, clave do seu conhecimento e porta da sua alegria interior que jamais a separou da massa dos desventurados; um desses encontros deu-se nas Caxinas, perto de Vila do Conde. A coisa passou-se assim: em setembro de 1935, Simone estava a passar férias em Viana do Castelo com seus pais. Os pais hospedaram-se no Hotel Santa Luzia, no monte que domina Viana. Por sua vez, Simone optou por

uma modesta pensão, em baixo, na cidade. Dando umas voltas pelas redondezas, no dia 15 de setembro desceu às Caxinas, Vila do Conde, onde naquele dia, domingo, se celebrava a Senhora das Dores. Simone Weil tinha então 26 anos e deixou-nos o relato do que viu naquela aldeia portuguesa; diz ela: «*as mulheres dos pescadores faziam um percurso em redor dos barcos, em procissão, empunhando círios e entoando cânticos, decerto muito antigos, de uma tristeza dilacerante*». [...] «*Nunca tinha conhecido nada de tão pungente, a não ser o canto dos barqueiros do Volga. Aí tive, repentinamente, a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem senão aderir a ela, e eu entre eles*».

Sublinho aqui o que ela mais tarde repetirá: essa adesão à «*religião dos escravos*» – ou seria das viúvas, infundas servas do amor? – à qual também ela inteiramente se entregou, não fora jamais uma imposição esmagadora que lhe aniquilasse a vontade, mas uma doçura que lhe respeitou «*a liberdade total e o direito de tudo negar*».

Sempre, enfim, me impressionou essa amorosa deposição abissal de Simone, essa impressão datada e tão crua do catolicismo português. Ora aconteceu que, no dia 12 de julho, no Carmo de Viana, celebrámos a eucaristia da Novena pelas e com as gentes do mar, mormente por quantos, entre as Caxinas e Vila Praia de Âncora, o furibundo mar tragou. Vieram muitos pescadores, inteiras famílias sorridentes e uma mãe viúva de dois filhos afundados numa traineira feita ataúde ou berço final; caxineira toda ela, vive sepultada no luto vai para mais de vinte anos. Ao ver a infinda crueza do seu luto nas algas dos seus olhos de mãe, nas da sua alma, do seu coração e das suas mãos pequeninas e desamparadas, a mim também me deu vontade de chorar. Abençoei-a com um beijo de padre e de filho, porque percebi nela a insaciável servidão de Simone Weil à fidelidade do amor. E concluí para mim: sinceramente não sei se alguém tem direito a resgatar esta mãe do seu negro fundo luto; mas também é verdade que numa pessoa só, eu jamais vi um abismo tão fundo e tão negro de lágrimas desistentes, um sepulcro tão intenso, como aquele naquela tarde do meu quinquagésimo oitavo aniversário.

12. No início da noite do dia 15 houve Procissão. Acendemos as velas no umbral do lusco-fusco e cantámos cinquenta Ave Marias só no primeiro mistério, mais cinquenta nos outros quatro! Original, sem mal. A procissão foi trabalhosamente grande e todos gostaram que assim tenha sido: os do Carmo, os do Bairro do Jardim, os da Ribeira, os da Senhora de Fátima, o comando territorial da GNR. Todos.

No fim houve copo d'água. Cumprimentei conhecidos. Veio um casal e disse-me: – «*há tanto tempo que não nos víamos! E olhe que eu não podia faltar à procissão! Vim com a roupa de trabalho e tudo! Nem banho tomei!*». Só então reparei que estava todo empoeirado; e eu que o julgava pintor, dei-me de caras com um operário cheio de pó de pedra e com botas de trabalho! Simone Weil teria gostado. Eu gostei! A Mãe também.

13. E no dia 16, dia da Padroeira, de joelhos, de pé e a cantar a fé, o zelo e o serviço, deslumbrados, eu vi também todos os *gênêrres!*

Graças também por isso, ó Bom Pai! Amén.